

**METAMORFOSES TRANSVERSAIS: O INSETO SAMSA E O RATO
RODRIGO**

Maria Célia Ribeiro Santos¹ (USP)

RESUMO: A metamorfose tem uma espantosa acolhida no Brasil. Como parte dessa recepção, há textos de ficção que buscam atrair o público jovem para a obra de Kafka. Uma narrativa destinada ao público jovem traz, em suas páginas iniciais, a famosa primeira frase da história de Gregor Samsa, deixando clara, desde o início, a intertextualidade. A narrativa tem como protagonista um garoto, Rodrigo, que, ao acordar de um cochilo, vê-se transformado em um rato. Nossa comunicação dedica-se a verificar em que medida a narrativa aproxima o jovem público leitor do texto kafkiano. Discute-se, ainda, a leitura que um adolescente, conhecendo apenas a história de Rodrigo, fará se ouvir que uma determinada situação é kafkiana.

PALAVRAS-CHAVE: literatura alemã, literatura juvenil, Kafka, intertextualidade

Introdução

Quando se tem acesso a um breve resumo do enredo de **O senhor da escuridão**, de Lourenço Cazarré, fica muito fácil perceber que a narrativa guarda várias semelhanças com a famosa narrativa kafkiana **A metamorfose**.

Trata-se de um livro destinado a pré-adolescentes e adolescentes, por volta dos 12 ou 13 anos de idade, que narra a história de um garoto chamado Rodrigo Lima que, depois de um cochilo vespertino no sofá da saleta de TV de sua casa, acorda transformado em um rato. Se observarmos o trecho que descreve o momento em que Rodrigo desperta, verificaremos que há muitas semelhanças entre as duas histórias:

Aí, acordei.
Levei um bom tempo para perceber que estava de barriga para baixo. Estranho. Nunca dormia daquele jeito. Eu costumava virar de lado e ficar enroscado que nem um gato.
Em seguida, notei que meu ângulo de visão era maior. Eu via a televisão ligada na minha frente, mas o meu olhar atingia também toda a saleta. Enxergava até mesmo por cima dos ombros.
— O que está acontecendo comigo? — eu me perguntei.
Não reconheci minha própria voz, que mais parecia um guincho.
Eu quis me levantar, mas não consegui, embora sentisse que tinha muito mais força nos braços e nas pernas. (CAZARRÉ, 2002, p. 11-12)

Assim como Gregor Samsa, Rodrigo acorda em uma posição com a qual não está acostumado (Samsa está deitado de costas e Rodrigo, de barriga para baixo); ambos têm dificuldades para levantar-se; a pergunta que Gregor se faz (“O que aconteceu comigo?”) é praticamente a mesma feita por Rodrigo no trecho acima e, finalmente, os dois protagonistas estranham a mudança na própria voz: a de Gregor confunde-se com

¹ **Maria Célia Ribeiro SANTOS**, doutoranda
(Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Modernas)
celiaribeiro@uol.com.br

“um pipilar irreprimível e doloroso” (KAFKA, 2002, p. 11) e a de Rodrigo parecia um guincho.

Há, ainda, no livro de Cazarré, referências um pouco mais sutis à obra do escritor tcheco, como, por exemplo, frases e expressões que remetem ao mundo kafkiano: “Eu me sentia num labirinto” (p. 33), diz o ratinho, ao ser perseguido pela própria mãe no quarto bagunçado de sua irmã. O recinto estava cheio de camisetas, toalhas e tênis espalhados pelo chão, atravancando o caminho por onde o rato deveria passar em fuga. Há, ainda, o seguinte comentário feito por um velho rato, Lalo, que Rodrigo conheceu após a transformação: “Os humanos sabem que somos indestrutíveis, mas, ainda assim, insistem em nos atacar. Homens e mulheres odeiam ratos e baratas” (p. 38). Sabe-se que os textos kafkianos são considerados labirínticos e que, em algumas traduções, nomeia-se o inseto em que Gregor se transformara como sendo uma barata. O fato de os humanos continuarem tentando, destruir os ratos, obstinadamente, mesmo sabendo que não têm nenhuma chance de serem bem-sucedidos, também remete ao universo kafkiano.

Soma-se a todos esses fatores um detalhe – este, nada sutil: ao final do livro, descobre-se que Rodrigo estudava na 5ª. série B de um colégio chamado Franz Kafka.

Se todos esses sinais não bastassem para que se estabelecessem as relações entre as duas narrativas, há, ainda, mais um elemento: lê-se, na página que antecede o sumário, a frase inicial d’**A metamorfose**: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”. A intertextualidade faz-se clara desde o início, não permitindo que paire a menor dúvida sobre sua existência.

Ao nos depararmos com o livro de Cazarré, a primeira pergunta que nos ocorreu foi a seguinte: em que medida a narrativa aproxima o jovem leitor do universo kafkiano?

Vimos, até aqui, que há muitos pontos em que as duas histórias se encontram, no entanto, quando passamos a analisar a construção de cada um dos textos, verificamos que, sob vários aspectos, tomam rumos diferentes, o que, conseqüentemente, leva a narrativa de Kafka e a de Cazarré para direções diversas e, por vezes, opostas mesmo.

Vejamos:

1 O título

O título **A metamorfose** remete a um processo pelo qual passam alguns animais, em sua maioria, insetos. Uma lagarta feiosa e sem graça, por exemplo, depois de algum tempo oculta em seu casulo, surge como uma borboleta, em geral, bela e colorida. No caso de Gregor Samsa, entretanto, o processo dá-se às avessas, pois o belo jovem que aparece na fotografia pendurada na parede da casa da família Samsa torna-se um inseto monstruoso e indesejável. O foco deste título, portanto, não está sobre a personagem e sim sobre o **processo**. Desse modo, com o foco deslocado da personagem, é possível afirmar que Gregor não tem, absolutamente, nenhuma espécie de domínio sobre a situação. Ele é, por assim dizer, vítima de um processo de transformação.

Além disso, se nos lembrarmos que Kafka, por diversas vezes, aludiu à mitologia grega, podemos pensar nas metamorfoses mitológicas, em que deuses irascíveis puniam aqueles que, de alguma maneira, opunham-se a eles ou lhes desagradavam. Contudo, no caso de Samsa, se realmente se trata de um castigo, não ficamos sabendo; também as causas de uma possível punição são omitidas. Também nos contos de fadas ocorrem transformações desse tipo, mas elas se explicam, em geral, pela presença de uma bruxa que quer vingar-se do príncipe ou da princesa por algum motivo cruel. Também não se

pode dizer que isso ocorre no texto de Kafka. Desse modo, a transformação de Gregor permanece sem nenhuma explicação na narrativa.

O texto de Lourenço Cazarré, por sua vez, traz um título que remete diretamente ao **protagonista**. O **senhor da escuridão** não faz nenhuma alusão ao processo pelo qual Rodrigo passará ao ver-se transformado em rato. Além disso, o vocábulo **senhor** dá a idéia de que o garoto possui, em certa medida, algum domínio sobre sua nova situação. De fato, embora perseguido por sua família e por seu gato de estimação, Rodrigo passa todo o tempo encontrando maneiras criativas de manter-se vivo e adaptar-se a seu novo corpo, mantendo, até certo ponto, o controle da situação.

2 Narrador

O texto de Kafka é narrado em 3ª. pessoa. Isso pode dar-nos a ilusão de que se trata de um narrador-observador tradicional que conhece todos os aspectos da história a ser contada e transmite-os, imparcialmente, ao leitor. Como dissemos, é apenas uma ilusão. O narrador kafkiano é complexo: relata os acontecimentos em 3ª. pessoa, mas sua perspectiva é a da personagem. O leitor fica sabendo apenas aquilo que também é do conhecimento do protagonista. Por outro lado, a narração em 3ª. pessoa livra o texto de envolvimento afetivo e garante que não se trata apenas de um sonho ou delírio do protagonista, o que, aliás, o narrador deixa bem claro: “Não era um sonho”, diz ele no início do 3º. parágrafo.

Modesto Carone, em conferência pronunciada na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (1983), afirma que esse narrador é desprovido de qualquer marca pessoal, o que permite que ele narre os acontecimentos sem fazer nenhum tipo de reflexão sobre eles; assim, ele se assemelharia a uma câmera fixada sobre a cabeça de Samsa. Carone acrescenta, ainda, que se trata de um narrador “insciente”, isto é, ele contribui, com uma flagrante ausência de informações, para que a transformação pela qual passa Gregor continue a ser um enigma mesmo quando se chega ao final da narrativa. Isso leva o leitor a experimentar a mesma desorientação da qual o protagonista é vítima, deixando-o perplexo diante dos acontecimentos narrados.

O **senhor da escuridão** tem dois narradores: o próprio Rodrigo é um deles e predomina. O narrador-personagem leva-nos a “embarcar” em seus medos e suas aflições. Sua linguagem transborda afetividade. Não há distanciamento possível do narrador em relação aos acontecimentos que o “atropelam”. Sendo assim, há uma forte “pessoalização” da narrativa, o que leva o leitor a imaginar que tudo aquilo não tenha passado de um sonho. Aliás, tal possibilidade é levantada por outras personagens quando Rodrigo conta sua história mais tarde.

Na segunda parte do livro, entra em cena um novo narrador, também personagem: um jornalista que, a pedido do pai de Rodrigo, deveria entrevistar o garoto, na tentativa de encontrar uma maneira de explicar os acontecimentos inusitados por que passara o garoto. É ele que decide publicar o relato de Rodrigo, pouco tempo depois.

Desse modo, o impacto da transformação de Gregor é infinitamente superior e provoca uma inquietação muito maior no leitor do que a de Rodrigo.

3 Protagonista

Como não há tempo de analisarmos, aqui, cada uma das personagens, nós nos deteremos apenas no protagonista de cada um dos textos.

Não temos muitas informações sobre Gregor Samsa. Sabe-se que ele era caixeiro-viajante e quase não ficava em casa o que prejudicava seu relacionamento familiar. O

narrador informa-nos, ainda, que ele costumava entalhar molduras para distrair-se quando estava em casa, tarefa da qual havia se ocupado na véspera da metamorfose. Entre ele e o pai havia, aparentemente, um certo distanciamento. Alguns trechos dão-nos a impressão de que o pai era uma referência de poder e autoritarismo para Gregor (por exemplo, quando lemos que o pai, ao chamar Gregor, batia fraco na porta, **mas com o punho** e que sua voz era **profunda**).

Ao acordar e ver-se transformado em inseto, ao contrário do que se poderia esperar, Gregor não se desespera, não se apavora, tampouco pede ajuda. Fica um pouco atordoado com o acontecimento, mas começa a refletir que seria melhor dormir mais um pouco para esquecer aquelas “bobagens”. Acredita, ao observar a mudança em sua voz, na possibilidade de ter se resfriado por causa de seu estilo de vida. É curioso observar que esses pensamentos passam pela cabeça de Gregor **depois** que ele já havia constatado sua transformação que, ao que parece, pelo menos de início, não é levada muito a sério por ele. Samsa pensa em se levantar e correr para a estação a fim de pegar o trem para ir ao trabalho!

Sobre Rodrigo Lima, ao contrário, o leitor fica sabendo muitas coisas. Era um garoto de 12 anos de idade, de estatura mediana, meio gorducho, com longos cabelos negros e olhos da mesma cor. Costumava usar boné, bermudões largos e camiseta ainda maior. Estudava pela manhã e gostava de passar as tardes vendo TV. Também reservava algum tempo para implicar com sua irmã mais nova, Guilhermina. Sua alimentação não era nada saudável: pipoca e chocolate estavam sempre no cardápio. Tinha um gato de estimação, Bichano, que era quase tão preguiçoso e comilão quanto ele próprio.

Se Gregor não demonstrou desespero com a metamorfose, Rodrigo apavora-se com a transformação. Isso fica claro em alguns trechos como: “Quanto mais eu corria mais o meu desespero crescia”, “apavorado, vi que o rato movia os bigodes repetindo minhas palavras”, “isto é um pesadelo! Pior que o das feras”; “eu tive um choque” e “comecei a entrar em pânico”.

4 Tempo e espaço/ambiente

O narrador não nos informa por quanto tempo exatamente Gregor Samsa viveu depois da metamorfose, mas ele se arrasta, provavelmente, durante alguns meses pelo apartamento onde vivia com sua família. Nesse período, não apenas Samsa, mas o ambiente a seu redor passa por muitas transformações. O inseto passa a mancar, deixa de alimentar-se, carrega, presa em seu corpo débil, toda a sujeira que se acumula em seu quarto que virara um depósito de “tranqueiras”. O espaço passa, ao longo da narrativa, por transformações que, de certo modo, “traduzem” a trajetória do protagonista. Até mesmo a família passa por profundas transformações: quase não se conversa mais na casa. Até mesmo o uniforme de trabalho do pai reflete a decadência por que passa Gregor: a roupa, no início, nova e com botões brilhantes, foi ficando coberta de manchas.

Porque perdeu completamente sua capacidade de comunicar-se, o isolamento de Gregor torna-se inevitável. Esse isolamento tornou o dia-a-dia de Gregor ainda mais penoso. Sua família não acredita na possibilidade de que ele ainda tenha uma consciência humana; todos pensam que, com a transformação de seu corpo, tudo nele mudara. O pai atacava-o sem piedade diante da menor desconfiança de que ele pudesse “atacar” alguém da família e Gregor fugia ao ataque, meio atordoado e, ainda assim, sentindo-se culpado.

A atmosfera de sufocamento só é afastada após a morte de Gregor, quando, no último parágrafo do texto, a família Samsa sai para passear ao ar livre.

A história de Rodrigo é bem mais rápida. A narrativa é dividida em duas partes: a primeira conta a transformação do garoto – que abarca uma tarde e o início da noite (das 14 às 20h); a segunda se passa duas semanas depois e é narrada pelo jornalista tendo duração de dois dias. Não há, portanto, tempo para que o espaço sofra tantas transformações quanto n'A metamorfose. Na verdade, praticamente nada muda na elegante casa da família, a não ser o aparecimento inesperado de um rato que provoca o desmaio de Guilhermina. A família passa, então, a tentar matar o rato que acaba sempre conseguindo escapar. Ao contrário do que acontece com Gregor, Rodrigo não é reconhecido por seus familiares, embora a mãe e a irmã fiquem com a impressão de que o ratinho quer lhes dizer algo. Desse modo, o choque pelo qual passa a família Samsa não acomete os Lima. Eles simplesmente não têm a menor idéia de que estão tentando matar o próprio filho.

Além disso, um fator extremamente importante é que, apesar de ter perdido a capacidade de se comunicar com os humanos, Rodrigo conquista novos amigos ratos. Embora, de início, seu novo mundo tenha sido desagradável, ele foi acolhido por outros ratos que viviam nos encanamentos de sua casa. O ratinho recebeu as “boas-vindas” de um velho rato cinzento, Lalo, que, sendo o único a saber a verdadeira identidade de Rodrigo, além do gato Bichano, deu-lhe algumas “dicas” de sobrevivência dali para frente e lhe disse que, a partir de então, Rodrigo poderia considerá-lo como um pai. De fato, em seus novos encontros com Lalo, Rodrigo sempre se lembra dos conselhos do pai ao ouvir seu novo amigo, como se fossem uma espécie de eco. Além de Lalo, Rodrigo conheceu uma família de ratos que o recebeu muito bem, até chegou a se interessar por uma ratinha. Rodrigo conheceu também Beal, um rato um tanto mau-caráter que vivia nos canos de seu banheiro. Assim, Rodrigo não fica isolado e, portanto, podendo comunicar-se com seus pares.

5 A transformação

Quanto à transformação das personagens, também podemos observar diferenças bastante significativas. Como já dissemos, não se sabe o motivo da metamorfose de Gregor. Tudo o que sabemos é que ele teve uma noite de sonhos agitados e acordou metamorfoseado. O choque da descoberta é imediato, não apenas para a personagem, mas também para o leitor que fica sabendo da transformação logo na primeira frase da narrativa.

Ninguém, em momento algum, pergunta-se sobre as causas de tais acontecimentos. Não há investigação sobre o caso, não há questionamentos. Gregor envergonha-se por não poder mais, dadas suas novas condições, trabalhar para o sustento de sua família.

Rodrigo passa pela metamorfose, como já assinalamos, durante um cochilo no sofá, depois do almoço. No entanto, há algumas “pistas” sobre a transformação: o garoto assistia, na TV, a um programa de hipnose. Adormeceu, teve um pesadelo, em que era perseguido por feras horríveis e acordou de barriga para baixo, posição que estranhou, mas não percebeu logo que havia se transformado em um rato. O garoto só percebe o que acontecera quando se olha no espelho e vê a imagem de um ratinho de pelo escuro. Não há a descoberta repentina. O rato vai-se revelando aos poucos, primeiro através da posição em que está deitado, depois pela visão mais ampla, a seguir, observa suas unhas duras, cinzentas e os punhos cobertos de pelos, depois, vem a percepção da mudança de tamanho e, finalmente, descobre sua imagem no espelho. Tanto a personagem quanto o leitor têm tempo para se “acostumarem” com a idéia da transformação, o que não acontece no caso de Samsa.

Além disso, ficamos sabendo que, na véspera da transformação, Rodrigo fizera um trabalho escolar, a pedido da professora de Ciências, sobre os ratos. Isso somado à informação do programa de hipnose pode, perfeitamente, explicar um possível “delírio” pelo qual passara o garoto. O pai de Rodrigo, um cientista, tenta descobrir o que acontecera, chama a polícia, psicólogos e o jornalista para tentar explicar o caso do menino. Com todas as possibilidades levantadas por esses profissionais, tudo parece muito mais palatável e menos “estranho” do que n’A metamorfose de Gregor.

E, por fim, a mais importante das diferenças: a transformação de Rodrigo é reversível. Depois de fugir da morte durante horas, o rato adormece, cansado. Ao acordar, olha ao redor e não reconhece nada nem ninguém. Foge da casa e se esconde em um bueiro em frente à prefeitura. No entanto, durante o trajeto, sente-se desajeitado, algo demais, grande demais, desengonçado demais. Rodrigo voltara a ser um menino e não se sentia nada confortável com isso. Alguém que o vê correndo pelas ruas chama os bombeiros que o resgatam e levam de volta para casa.

Ao contrário de Gregor Samsa, Rodrigo Lima encontra, então, um final feliz.

Conclusão

Apesar de explicitamente inspirada n’A **metamorfose**, a história de Rodrigo acaba por nos levar a outras paragens. A desorientação, o “desconserto” provocados pela história de Samsa praticamente desaparecem da aventura vivida por Rodrigo Lima. Por vezes, tem-se a impressão de estar diante de uma daquelas animações que tanto sucesso fazem entre as crianças, em que bichinhos falantes e simpáticos vivem em sociedades parecidas com a dos humanos e se envolvem em grandes confusões das quais emergem como heróis.

Assim, ao ouvir a expressão “situação kafkiana”, o jovem pode ser levado a pensar que se trata de um amontoado divertido de trapalhadas que, no final das contas, conduzem a um resultado satisfatório. É sabido que o próprio Kafka ria ao ler suas histórias aos amigos, o que poderia bem servir de argumento em defesa do viés adotado por Cazarré. Ainda assim, consideramos apropriado que os jovens leitores entrem em contato com o lado, digamos, menos “risível” de Kafka. Não cremos que sejam muitas as pessoas que, hoje, ao citarem o autor tcheco pensem, em primeiro plano, no aspecto “divertido” de seus textos.

Mesmo após verificarmos tantas diferenças entre as duas narrativas, cabe ressaltar que não consideramos inválido o feito de Lourenço Cazarré. E isso por dois motivos, pelo menos: primeiro, porque não cremos que o autor tivesse a obrigação de “repetir” o texto de Kafka. Segundo, porque cremos que **O senhor da escuridão** tem o mérito de “apresentar”, ainda que a seu modo, Kafka ao público leitor jovem, podendo despertar nele o interesse pela leitura, em seu devido tempo, dos textos kafkianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Trad.: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAZARRÉ, Lourenço. **O senhor da escuridão**. São Paulo: Ática, 2002.

CARONE, Modesto. O parasita da família (sobre A metamorfose de Kafka). In: **Anais da VIII SEMANA DE LITERATURA ALEMÃ** – A expressão da modernidade no século XX. 1996. São Paulo, FFLCH/USP. p. 22-30.